

Aurora Académica

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DIRECTOR, José Fernandes Lima — EDITOR, Manuel Pedrosa

REDACÇÃO
 Largo da República do Brasil n.º 11
 GUIMARÃES

Número avulso..... 2 centavos
 Trimestre..... 6 »

COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO
 Tipografia MINERVA
 FAMILIÃO

O NOSSO FIM...

Mais uma vez a Academia Vimaranesense resolveu dar à publicidade um pequeno jornal, que tem unicamente em vista o desenvolvimento intelectual da mocidade académica. Geralmente, nos meios pequenos, como êste, falta sempre no estudante a coragem precisa para se defrontar com a crítica que por acaso possam fazer aos seus ensaios literários.

Bem sabemos, que os nossos primeiros escritos não-de sempre ressentir-se de defeitos que são, nem mais nem menos, do que o produto da nossa inexperiência.

¿Mas, que nos importa a nós a crítica, se temos a consciência de que escrevemos, não para maravilhar ninguém com as nossas belas miragens, mas sim, para nos habituarmos a alinhar duas linhas? Sendo assim, ¿porque não nos havemos de arrojar a escrever coisas mostrando simplesmente o desejo ardente que temos de desenvolver o nosso espírito?

Foram êstes os pensamentos que nos acudiram quando resolvemos pôr em prática o nosso projecto.

Começamos, como é natural, por escolher o título do nosso quinzenário.

Escutando diversos alvites assentamos em que a modesta folha se intitularia *Aurora Académica*.

Escusado é, dizer-vos que êste título é muito significativo, e por isso nos dispensamos de vos explicar esta escolha tam justa, pois que vós o compreendeis mui facilmente.

Labutando sempre com incertezas e dificuldades, nunca podemos dispôr do ânimo necessário para iniciarmos a luta no escabroso campo do jornalismo, que além de ter os seus *quês*, tem também asperezas com que nós muitíssimas vezes não poderíamos arrostar e por isso nos temos conservado imóveis diante dêstes obstáculos.

Mas de súbito, um raio de luz nos iluminou o cérebro deixando-o livre de todas as dúvidas. Como já dissemos, o nosso fim único é a instrução, a educação intelectual.

Se o único prisma a atingir é êste, estão de parte os dois assuntos mais delicados e por isso difíceis de tratar, que são: a *Política* e a *Religião*.

Escrever sobre *Política* não podemos, porque além de não andarmos a par dos movimentos da mesma, não temos os conhecimentos suficientes para satisfazer aos requisitos dêste tratado.

Escrever também sobre *Religião*, pelos mesmos motivos o não poderíamos fazer.

Seria laborar no êrro, se escrevêssemos sobre assuntos dos quais não percebêssemos os seus mais simples problemas.

Portanto, escrever sempre e sem receio de que sejâmos maltratados por ninguem.

¿Recear de quê? ¿Da censura feita aos nossos trabalhos literários? Não.

¿Recear de sermos atacados por qualquer partidário político? Também não, porque as *pautas* sobre que escrevemos são da imparcialidade.

Mais uma coisa que nos auxilia: não pretendemos penetrar na vida íntima dos nossos leitores.

Após estas conclusões, o espírito do estudante vimaranense, a sua alma juvenil, despertam duma longa letargia que só lhe servia de escôlho no caminho das letras.

Assim como o despontar dum belo dia de sol que nos vem mitigar os ardores causados por uma tempestade do dia anterior, o estudante resolveu expandir-se, ilustrar-se, honrar a sua classe, ennobrecer mais a velha cidade de *Guimarães*, berço augusto da nacionalidade portuguesa, e o liceu em que estuda, em que se prepara para a luta em que

todos andam empenhados,—a vida!

Resolvido a tudo isto o que acabamos de dizer, tomar para seu instrumento principal êste modesto e singelo periódico: «*Aurora Académica*».

José Fernandes Lima.

R. D. Rita Hazel Machado

Longe dos teus carinhos, para mim a vida é insuportavel.

Quantas noites serenas e belas, fitando a lua, minha doce companheira de infancia, me recordo que talvez ela já nos visse juntos, alguns momentos, na linda e poetica praia do Estoril.

Outrora, na flôr da minha existencia, quando deveria pensar na realidade, sonhava somente em ti. Triste e doloroso foi o despertar!

Achei-me só no mundo, vitima das minhas illusões.

Pensei em esquecer-te, mas, foi-me impossivel. Tarde e muito, pois o nosso amor jámais poderá separar-nos. Morri para o mundo, para viver exclusivamente para ti.

Quero ouvir cantar os rouxinoes nos salgueiracs, gosar o ar puro do campo, bem longe de todo o sussurro dessa grande Capital onde a atmosfera está impregnada de vicio e cinismo.

Viveremos perto da linda e pitoresca cidade de Guimarães, distante dêsses olhares profanos que podem macular a nossa felicidade.

Sim, meu anjo?

Teu

Antonio Viana.

TEATROS

High-life-cinema — Hoje exhibir-se-ha nesta casa de espectaculos, além de varias fitas scientificas e naturaes, o *film* de grande successo «*Vida de Cristo*».

Rabiscos

Este mês tem tido dias de admirável beleza!

Depois de quatro longos meses de inverno, o Sol pareceu finalmente compadecer-se de nós; e, já farto de, lá do alto, nos ver bocejar de tédio, teve a ideia, tão louvável como justa, de nos visitar.

Bemvindo sejas, pois, radiante Apolo!

A tua luz tem o poder maravilhoso de me transportar o espirito ao país do sonho e da fantasia!

Nos dias em que tens a gentileza de entrares pela janela do meu quarto, e, qual doce amante, me beijas a face ao de leve, eu, descerrando as palpebras, salto fóra da cama, visto-me, tomo o meu leve almoço e vou ao campo para saudar-te. Lá, observando os variados aspectos que a paisagem me oferece, ouvindo o alegre chilrear do passaredo que saltita de ramo em ramo, aspirando o aroma delicioso das flores, fico horas e horas numa contemplação muda, acabando por murmurar: — O que seria este quadro, agora maravilhosamente belo, ó Sol, se lhe faltasse a tinta da tua luz?

Depois, sentado á sombra dum frondente castanheiro, tiro do bolso um livro de Eça e preparo-me para as delicias da leitura.

Então, o meu espirito evolase destas paragens e vai fixar-se nas que o sublime prosador descreveu; vagueando pelos lugares que o inolvidavel escritor pintou, ele, só quando o crepusculo começa a descer lentamente sobre nós, envolvendo-nos, se vem juntar ao meu ser fisico.

Nesse momento, desperto do sonho encantador em que vivi algumas horas e encaro horrorizado a triste realidade!

E' que, nesse fatal instante, começam a deslizar ante os meus olhos, como lividos fantasmas—as equações da velocidade do movimento uniforme, do movimento variado, do movimento uniformemente acelerado, do movimento uniformemente retardado, etc., etc.

Então, acabrunhado sob o pensamento de ter de ir agarrar-me ao «book», vou-me arrastando até á cidade, onde, em lugar das belas paginas do divino Eça, me esperam as da maldita Fisica, que, sem dó nem piedade, não cessa de me atormentar.

Eis, pois, como esses belos dias em que acordo ao suave contacto do terno beijo do Sol, dias em que o meu espi-

rito gosa horas de inefavel ventura, terminam para mim duma maneira tão desoladora!

A principio apontam-me o espectáculo inebriante da natureza, depois... a Fisica — a terrível Fisica!

A.

Poetas

A Santos Valente

*Estreita é do prazer na vida a taça:
Largo, como o oceano é largo e fundo,
E como ele em venturas infucundo,
O caliz amargoso da desgraça.*

*E contudo nossa alma, quando passa
Incerta, peregrina, pelo mundo,
Prazer só pede á vida, amor fecundo,
E' com essa esperança que se abraça.*

*E' lei de Deus este aspirar imenso...
E contudo a ilusão impoz á vida,
E manda buscar luz e dá-nos treva!*

*Ah! se Deus acendeu um foco intenso
De amor e dor em nós, na ardente tida,
Porque a miragem cria, ou porque a leva?*

ANTERO DE QUEENTAL.

Perfilando

Não podíamos estrear esta secção, dedicada ás damas vimaranenses, sem começarmos pela distinta senhora que hoje perfilamos, incontestavelmente uma das filhas de Guimarães a quem a beleza mais favoreceu.

Colegial, internada num dos melhores estabelecimentos de ensino vimaranenses, ela distingue-se de todas as suas condiscipulas (apesar de serem também bonitas e dignas de serem amadas) pela elegancia que divinisa o seu corpo, pela simpatia que existe no seu rosto encantador, adornado por um olhar refulgente que fascina, pelo seu espirito alegre e brincalhão que torna agradável a convivencia comsigo.

Se Camões hoje existisse e tivesse a felicidade de a ver, quando ella passa envergando aquele *carrique* (o divinal *carrique!*) que tão elegante a faz, por certo esqueceria a Catarina que tanto amou, para cantar a linda vimaranense que em si encerra todos os dotes que caracterizam a bela, bondosa e amavel mulher portuguesa!

Conhecem-na?

E' a mana do menino Bênto...

Lucas.

Excursão á interessante vila de Barcelos, no dia 7 de Fevereiro de 1915, pelos alunos do Liceu Nacional de Guimarães, onde realizaram um espectáculo cujo produto reverteu em favor da "Caixa Filantropica Academica",

Manhã fria e estremunhada de Fevereiro. A cidade, ainda sem movimento, sem agitação, sem ruido, parece adormecida.

Badaladas sonoras caem lentas, despertando do sono acariciador e leve da manhã, as almas devotas e compassivas, chamando-as ao cumprimento da missa, e aborrecendo os comodistas que por acaso estivessem afogados em mil pensamentos duvidosos ou docemente embalados pelas visões aladas da fantasia.

Aqui, ao dobrar duma esquina perigosa, surge uma franzina mulher que, apertada no chale domingueiro, caminha cozida com a parede, duvidosa e indecisa. Além, um vulto desgarrado de passo largo, cambaleando, arrasta a custo os socos ferrados no lagedo humido.

São as unicas notas vivas.

E' domingo, não admira!

Mas, passados momentos, agora um logo outro, aos pares, em cortejo, deslizam em grande algazarra, em alegre convívio, como frades fugidos de convento, rapazes divertidos, que de capas pretas ao vento, correm apressados num delirio louco para a estação do caminho de ferro de Guimarães.

Discute-se, levantam-se preces ao Altissimo para que mande bom tempo, enquanto que, um pouco aborrecidos, esperamos o comboio.

Ei-lo que chega!

Passado pouco, o relógio da estação marca 7 e vinte minutos.

Estridente algazarra, denodado movimento, confusão, atrapalhamento.

Soam no bronze da sineta as tres badaladas do estilo.

São horas; vai marchar.

E num pequeno arranco, resfolegando anciadamente, a maquina principia a caminhar, caminhar, com lentidão, apressando-se pouco depois.

E, quando já na curva do Castanheiro, volvemos um olhar de despedida á cidade pacata e preguiçosa, que meio adormecida, repousava ainda, um silvo prolongado, e c comboio caminha veloz.

Numa confusão precipitada, os montes acavalados, caminham desordenados; as arvores, esqueletos desconformes de fantasmas monstros, parecem fustigar os altos muros que resguardam as vinhas altaneiras; as casas, num redemoinhar atrapalhado, fogem em correrias tolas.

O sol, entre nuvens, espreita de quando em vez; aloura a paisagem, imprime graça, desperta a côr, ilumina, alinda.

Mas breve se arrepende, e logo foge, roubando á natureza o esplendor, aos nossos labios os sorrisos e ás nossas almas a alegria.

Divertido, o sol, entretem-se como que a jogar o esconde-esconde.

Foi assim na melhor boa ordem, que satisfeitos, depois duma marcha feliz, chegamos ás 10 e 34 minutos á ridente e agradável vila de Barcelos.

Upa! Era tempo!...

Apeamo-nos, e sob uma chuinha impertinente e cortante, seguimos em direcção da Camara Municipal, onde nos foram dadas as boas vindas.

Acompanhados do Ex.^{mo} professor Dr. Miranda, filho querido daquela terra, visitamos as espaçosas dependencias daquele soberbo e verdadeiramente sumptuoso edificio.

Depois, sempre debaixo de flores, pois foi com grande satisfação que nos receberam, dispensando-nos todos os mais ternos carinhos, percorremos as ruas mais centraes daquela historica vila, o seu espaçoso campo onde semanalmente se realiza o mercado, as minas dos «Paços dos Duques de Bragança», a estação dos bombeiros, o Hospital da Misericordia, e por especial deferencia, o solar dos ex.^{mos} Bessas de Menezes, que é um verdadeiro templo de arte, onde imperam o bom gosto, a harmonia e a beleza. Aí, em um lanço comprido de escaiola, a oleo, Condeixa, o soberbo pintor, descreve tão naturalmente a tomada do Castelo de Faria, que as expressivas figuras parecem ressaltar cheias de vigor e vida; noutro lugar, Veloso Salgado, o grande mestre, descreve com muita arte também, a batalha de Aljubarrota; e então, a um canto dum espaçoso pátamar, a admiravel escultura de Teixeira Lopes, o «Sono da Inocencia».

Simplesmente admiravel!

De tarde, quando refeitos e quentes, atravessamos a velha ponte romana, fomos visitar Barcelinhos, que o rio Cavado banha em brandos espreguiçamentos.

Soberbo panorama!

E ao vê-lo deslizar tão alegre, correr, correr, recordamos

com saudade esse rio pitoresco e embalador da nossa terra —o Ave!

A' noite, realisou-se a recita, sendo muito ovacionados todos os interpretes; e no dia seguinte pela manhã abandonamos Barcelos, que tão gratas recordações em nossas almas deixou.

Francisco d'Assis Pereira Mendes.

Sobre o "Só,"

Caro Leão Martins:

Dirigindo aos amigos estas mal elaboradas epistolas destinadas completamente de arte e correção, cometeria um erro imperdoável se deixasse de destinar a primeira a ti, amigo Leão, a quem devo grande parte dos insignificantes conhecimentos literarios que possuo, comunicados na proveitosa e instrutiva conversação que contigo tenho tido, e nas emendas lucidamente explicadas, que fazes ás minhas imperfeitas composições.

Como és poeta, venho falar-te do livro mais poetico que existe em Portugal—o «Só».

Esse poema de desilusões, impregnado de dôr e de saudade, essas canções tristes e cadenciadas que o nosso lirico Antonio Nobre compoz, fizeram-me chorar, fizeram-me comover...

Passa na minha mente obscura como uma visão, a imagem doente do poeta, todo curvado, magrinho como um junco, de faces maceradas e amareladas, encimadas por um cabelo a alvejar em deslaminho, caindo-lhe sobre os olhos já baços pela dôr que o mortifica, onde se vêem reflexos da magua intensa que lhe vai na alma, cravados numas covas fundas e escuras, sentado á hora mistica e religiosa do pôr do sol á sua mesa de trabalho, embebido na misticidade que envolve esses poentes ensanguentados de França, presentindo o correr monotonico e silencioso do Sena, todo nostalgico, todo saudoso da sua patria querida, longe dos afagos acariciadores da Carlota que o viu nascer, daquela velha ama que tanto amou e cantou, sofrendo a dôr profunda que lhe mina o peito já gasto, donde brota o tossir sêco e cavernoso que todo o afflige e contor-se, desabafando as suas tristes e dolorosas maguas nos versos que compõe, inspirado pela doença maldita que o ha-de levar á tumba desejada, indo de vez em quando interrompê-lo golfadas de sangue que lhe tingem o papel.

Mas o artista sofre com resignação... Alenta-o a lembrança das lindas barquinhas poveiras

designadas com irregular ortografia, a entrarem na barra, impelidas pela brisa, sulcando o mar longinquo embaladas pelas ondas, beijadas pelo sol e abençoadas, quando noite, pelo luar; recorda se das pitorescas procições e romarias, onde aprecia os pregões á fresca limanoda e os idilios amorosos da Maria mai-lo Manel; lembra-se com tristeza da quadra mais feliz da sua vida, do tempo alegre e descuidado de estudante, dedicando todo o seu amor *santo e puro* ás lindas e prazenteiras tricaninhas da poetica Coimbra, recordando-se com saudade das suas cantigas que o entusiasmavam; vêem-lhe á mente, já cansada, as alegres andorinhas imigrantes na sua patria, pou-sadas nos postes telegraficos, sem se importarem com o que corre pelo mundo; ouve as canções arrebatantes das frescas lavadeiras portuguesas, *das virgens que passam ao sol poente* sempre a cantar... a cantar...

E versejando sempre contornos o infeliz poeta o tempo aborrecido que passou naquela região da Beira, onde foi de balde procurar alívio para os males d'Anto, fastidioso, apesar dos contínuos presentes do senhor abade que com interesse manda perguntar novidades acerca do estado do doente, que lhe são comunicadas pela velhinha Carlota, triste e desiludida por vêr a morte roubar o seu querido menino a quem ama como filho e o qual a considera tambem como uma segunda mãe.

Impressionou-me devêras o «Só», caro amigo!

Parece que vejo aquella tísica á beira mar, constantemente a tossir, acompanhada pelo seu Boy fiel que conhecendo o estado dela, quando ela tosse põe-se a uivar, toda rodeada de escarros ensanguentados que se coallham na areia, pedindo a Deus que traga sem perigo as lanchas que vê partir, examinando as tragedias do pôr do sol que parece tambem ensanguentar o mar, lá longe, no horizon-te, quando irradia os seus raios avermelhados pela superficie revoltada do mesmo.

Parece que observo o poeta entre o arvoredo sombrio, procurando um regato para beber, curvar-se sobre ele e recuar horrorisado ao vêr o seu rosto cadaverico e envelhecido retratado nas aguas cristalinas que não lhe extinguem a sede.

Calcula, amigo Leão Martins, a dôr profunda que gastava o pobre Nobre, a magua dolorosa que envolvia a sua vida, que nos seus versos o vemos constantemente suplicar a morte, unico alívio que poderia dar á doença terrível que o ruía e carcomia.

Para que serve a vida quando ela é um lugubre outono no mês d'Abril?

Adeus amigo.

Abraça-te o teu

Novaes Teixeira.

Ho correr da pena

Comparando

Todos, ou quasi todos, sabem o que foi esse gigantesco periodo a que a historia—essa mãe da verdade—chama Idade Média.

Impelidos pelo amor que dedicavam ás suas damas, viam-se os nobres no campo da batalha, no meio do ardor da luta, combater pela honra da sua noiva, quando ultrajada. Outras vezes então, um coração apaixonado descantava debaixo duma janela com tanta expressão e arte, que a recompensa obtida era uma flor arremessada pela mão delicada e mimosa da sua noiva, com as pétalas humidas ainda do beijo—beijo cheio de significação e amor—que momentos depois se apagava com os afagos e caricias de quem a recebia.

Oh! então, de mãos postas e ajoelhado como diante dum Cristo redentor, via-se esse coração, com um olhar meigo e terno, conservar-se num estado de reconhecimento e gratidão, que só terminava quando lh'o era permitido pelo olhar meigo e consolador do ente que tanto amava.

Quero eu mostrar unicamente com isto, prezados leitores, o que eram esses tempos antigos e guerreiros comparados aos dias de hoje, cujo balsamo trazido pela briza sedutora e meiga é o odio e vingança em substituição do amor e carinho.

Mas deixemos isto sem nexo algum, para volvermos ao assunto que nos levou a pegar na pena:

Quando na estação calmosa, por uma noite de luar, meia duzia de rapazes alegres e folgazões andavam por essas ruas, de viola, fazendo ouvir os seus vagos gemidos, muitas vezes cheios de alma e sentimento, soltando umas melancolicas canções acompanhadas duns ais tristes e prolongados, vêem-se assomar á janela do quarto de dormir donzelas que, acordando sobressaltadas, vêem desdenhar da loucura dos seus admiradores.

Mas não; nós os rapazes, não olhamos a isso, visto termos sómente em vista um fim, que é um verdadeiro vicio:

Tornarmo-nos admirados por todos.

Vigilias se passam para buscar sómente as palavras maviosas duma donzela que nós julgamos que nós ama, e eis em que se resume a nossa existen-

cia enquanto novos. Ah! isto não é mais que uma mera fantasia!... é uma pura quimera, porque hoje em dia não nos é dispensado um amor que se possa comparar ao que essas antigas e nobres damas prodigalisavam aos seus futuros noivos.

Guimarães, 1915.—M. C.

COISAS

O uso do alcool, posto que seja costume já muito antigo, tem aumentado consideravelmente nos nossos tempos, e é, sem duvida, o que mais tem contribuido para o enfraquecimento da nossa raça. Houve tempo em que o alcool se julgava indispensavel na medicina e desempenhava, então, um papel importante. Hoje nada disso acontece. Levando-o ao abuso, dêle, bem como da taberna, dessa horrorosa casa de vicios, proveem scenas por vezes bem sangrentas e muito frequentes nesta pobre sociedade de hoje, em que tudo é sangue e pranto. Indicar alguns dos tristes e inumeros resultados que da taberna e alcool o nosso povo tira, seria inutil, visto serem sobejamente conhecidos por todos. Mas, não obstante este completo conhecimento duma grande decadencia, nota-se por essas terras além, terras onde a palavra progresso é por todos distinta, mas sempre mal aplicada, um numero incalculavel de casas de pasto, ou, mais genericamente, tabernas. Poder-se-ha, como já li algures, encontrar aldeias sem escola, sem um livro; porém, a taberna e o alcool são elementos indispensaveis em todas elas, ainda nas que menos importancia contam.

Nessas casas, em que reina a desgraça, o vicio é a immoralidade, quantos ha que não vão miseravelmente gastar em vinho aquilo que com muita dificuldade conseguiram durante uma semana de trabalho, não atendendo aos males que daí lhes podem surgir, e muito menos se lembram da familia, a quem chegam até a esquecer por completo! E mais tarde, quando por todos se vêem abandonados, não tendo a quem pedir o minimo auxilio, lançam-se de ordinario no roubo, indo, muitas das vezes, acabar os seus dias numa cadeia. Eis o fim tragico do alcoolico.

A figura do ebrio é, pois, tão deprimente, tão baixa, que já os atenienses tinham por costume levar seus filhos á presença dêles, para aí poderem avaliar o belo papel que essas creaturas fazem perante a sociedade.

A. S.

ALFAIATERIA RIBEIRO, FILHO

Esta bem montada casa, instalada no Largo da Misericórdia n.º 9 e 10, encarrega-se de executar com prontidão e correcção todos os trabalhos que lhe sejam encomendadas concernentes á sua arte.

Jacinto José Ribeiro

Largo da Misericórdia n.º 9 e 10

GUIMARÃES

AREIAS & SALGADO

GUIMARÃES

Sortido completo para fatos d'homem em preto, azul e côr.

Tambem tem no seu armazem grande e variado sortido de fazendas d'algodão para revender

GUARDASOLARIA MODERNA

DE

João Vieira de Andrade

Rua da Republica n.ºs 154, 156, 158 e 160

GUIMARÃES

Nesta antiga e acreditada casa encontram-se á disposição dos Ex.ºs leitores, todos os artigos por preços convidativos, concernentes á mesma.

Visitem, pois, este estabelecimento.

PREÇOS MODICOS

Sempre novidades

Casa High-Life

GUIMARÃES

MODAS E MIUDEZAS

CAMISARIA E GRAVATARIA

ARTIGOS DE BORDAR

de Antonio Joaquim Gonçalves

"Aurora Académica"

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PREÇO DA ASSINATURA

(Pagamento adiantado)

Mensal..... 4 centavos
Numero avulso..... 2 ,

Preço das publicações

Anuncios e comunicados, por linha 4 centavos
Repetição, por linha..... 2 ,

Anuncios não judiciaes, para os senhores assinantes, 25 % de abatimento

"AURORA ACADÉMICA"

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Ex.º Sr.

Sociedade de Martins

Farmaceutica

Guimarães